

# EDITORIAL

## Vivemos Tempos de Incerteza

---

As notícias de casos de infeção por um novo vírus detetado na China e o alerta da Organização Mundial de Saúde (OMS) em 30 de janeiro de 2020 para uma Emergência de Saúde Pública em resultado do risco de disseminação a nível mundial da infeção por Covid 19 lançaram o alarme.

A identificação de casos de infeção na Europa, a sua manifestação e propagação em Portugal levaram a que em 18 de março, uma semana depois de a OMS ter declarado existir uma situação de Pandemia a nível mundial, fosse declarado Estado de Emergência Nacional.

Em consequência desta situação de exceção proibiu-se a livre circulação de pessoas, encerraram-se escolas, sectores produtivos, de comércio e serviços, mantendo em funcionamento apenas as áreas e os serviços essenciais.

Vivemos tempos difíceis e incertos. Como pessoas sentimo-nos mais frágeis e vulneráveis face a este inimigo invisível externo, e receamos pelas nossas vidas e pelas vidas dos que são próximos. Encontramo-nos em estado de choque: como é possível isto estar a acontecer? Sentimos medo, um medo que nos protege mas que corre o risco de paralisar-nos.

Percebemos que toda esta situação terá reflexos na Saúde Mental e nomeadamente na Saúde Mental das crianças, mas não é ainda clara a dimensão do problema nem há distância que permita pensá-lo com clareza.

Talvez por isso este número da nossa Revista de Pedopsiquiatria surja mais voltado para dentro ou seja para a nossa prática clínica e para a reflexão a partir dos casos com que nos confrontamos e que tentamos resolver no dia a dia.

Ajudar uma criança de 4 anos a ultrapassar dificuldades relacionadas com a vivência de experiências adversas através da Terapia de Jogo Centrada na Criança é uma primeira reflexão que aqui vos apresentamos.

No segundo artigo seguimos a história e o tratamento por equipa multidisciplinar de uma criança de 8 anos que em resultado de um atropelamento sofre politraumatismo com atingimento crânio-encefálico e desenvolve um quadro de *delirium* e de perturbação de hiperatividade com défice de atenção (PHDA) secundária.

Temos depois a apresentação de uma situação pouco comum relativa a uma adolescente de 15 anos com tripofobia e que melhorou através de uma intervenção terapêutica que conjugou o recurso a medicação com fluvoxamina e estratégia comportamental de dessensibilização sistemática.

Para finalizar teremos dois casos clínicos relativos a adolescentes que recorreram ao serviço de urgência de pedopsiquiatria, um rapaz de 15 anos por comportamentos autolesivos e uma rapariga de 14 anos por tentativa de suicídio. Compreender a função/as funções dos comportamentos autolesivos na adolescência será o principal objectivo dos autores que analisam a primeira vinheta clínica enquanto na segunda teremos oportunidade de acompanhar a reflexão dos autores relativa aos diferentes modos de transmissão intergeracional dos comportamentos suicidários.

Os artigos aqui apresentados são um testemunho da importância da clínica como um importante suporte e incentivo para a reflexão teórica em pedopsiquiatria e uma boa estratégia de preservação da capacidade de pensar e de aprofundar conhecimento em tempos de incerteza.

*Paula Pinto de Freitas*